

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Dos imaginários urbanos à identidade nacional: a construção da diferença em Lima e no Peru.**

Beatriz Silveira Castro Filgueiras.

Cita:

Beatriz Silveira Castro Filgueiras (2009). *Dos imaginários urbanos à identidade nacional: a construção da diferença em Lima e no Peru*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/143>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Dos imaginários urbanos à identidade nacional: a construção da diferença em Lima e no Peru

**Beatriz Silveira Castro Filgueiras \***

## INTRODUÇÃO

*“Se queremos que o Peru seja uma grande nação, devemos começar  
fazendo de Lima uma grande cidade”<sup>1</sup>*

A frase acima, professada por um dos prefeitos mais progressistas que Lima teve ao longo de sua história republicana, resume de modo bastante revelador a centralidade de Lima nos projetos e na imaginação *oficial* do Peru moderno. De certa forma, resume também o objetivo deste trabalho: discutir, a partir da experiência peruana, a construção de imaginários urbanos como processos através dos quais imaginários nacionais foram e ainda são forjados. Mais especificamente, apontaremos a associação/imbricação entre os projetos e ideários modernos (de cidade e de nação) e os imaginários urbanos e nacionais, explicitando os “lugares” da diferença nesta esfera discursivo-

---

\* Socióloga, doutoranda em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ/UCAM.  
Email: bfilgueiras@iuperj.br

<sup>1</sup> Federico Elguera, *Memoria de la Municipalidad de Lima. 1904*, citado por CALLIRGOS, 2007: 232. Elguera foi prefeito de Lima entre 1901-1908 e responsável por radicais transformações no espaço urbano limeño no início do século XX.

simbólica em contraste, na medida em que a literatura permite, com as “dinâmicas da diferença” no espaço urbano. Assim, daremos ênfase ao manejo da heterogeneidade sócio-cultural e de seus sentidos; ênfase que se impõe dada a complexidade, a dimensão e a profundidade de imaginários, fraturas e desigualdades étnico-raciais na sociedade peruana. Pode-se dizer que imaginar o Peru foi, sempre e *desde* Lima, dotar de sentido a complexa diversidade constitutiva do país.

Trata-se de uma síntese breve e provisória de uma temática extremamente complexa, além de amplamente presente na literatura histórica e sociológica sobre Lima e sobre o Peru. Percorrendo este debate e a trajetória da construção do Estado e da nação peruanos, serão enfatizados dois momentos históricos, considerados como momentos de re-definição destas articulações: o processo de independência nacional (1821) até as últimas décadas do século XIX, período marcado pela criação do Estado-nação moderno, por projetos de remodelação urbana, pela incorporação homogeneizadora e a justificação hierárquica da diferença no imaginário nacional; e a virada do século XXI (considerando-se as últimas duas décadas, 1990-2000), momento no qual, no discurso oficial e hegemônico, se destacam a globalização e seus processos culturais e identitários e a valorização da diferença como recurso político, econômico e estratégico, enquanto internamente o país busca reconstruir-se e reimaginar-se como nação após duas décadas de um cruel conflito interno e um regime autoritário.

De centro nodal e irradiador de um projeto e identidade nacionais identificados com e impulsionados pela elite criolla, à “*la ciudad de todas las sangres*” que ao albergar em seu território toda a riqueza e diversidade cultural do país seria o lugar de gestação de uma nova “peruanidade”, Lima renova e reafirma sua centralidade no imaginário nacional peruano, sendo a presença/ausência da diversidade e seus “lugares” no imaginário urbano um dos elementos fundamentais desta construção.

## **O LONGO SÉCULO XIX: A gestação de uma nação dividida**

O contexto peruano logo da proclamação da independência em 28 de julho de 1821 foi marcado pela decadência econômica, pela fragmentação social e territorial e uma profunda instabilidade política. A pacificação interna do país pós-independência só viria a se consolidar em 1824 com a batalha de Ayacucho, mas a sociedade heterogênea e fragmentada que emergiu após o período colonial ainda requeria um mito unificador que forjasse uma identidade “peruana” comum, ou seja, que forjasse cidadãos que compartilhassem uma consciência e uma identidade nacionais (Callirgos, 2007). Os anos turbulentos após a independência e a instauração da república - com o vazio de poder deixado pela expulsão da elite espanhola, os conflitos regionais envolvendo o

controle e político territorial do país, e a constatação da “barbárie” na qual estava imerso o interior do país - favoreçam a percepção de que era tarefa das elites limeñas, seu dever histórico, definir e organizar o moderno Estado-nação peruano.

A referência ao “atraso” dos *pueblos* tornou claro que a civilização tinha que emanar de Lima (...). Lima transformou-se, então, no objeto exemplar dos projetos de nacionalização e modernização, por ser considerada a única cidade que poderia definir nacionalidade e modernidade para o resto do Peru (Callirgos, 2007: 72)

Fundada para ser o centro político e comercial das colônias sul-americanas e bastião da presença espanhola no continente, tornava-se imperativo que a “*la tres veces coronada Ciudad de los Reyes*” fosse então “refundada” como capital republicana do Peru, demandando uma profunda transformação social, política, cultural e física da cidade, de modo a erradicar seus traços coloniais e plasmá-la dos símbolos de civilização e modernidade da nova república. A remodelação da cidade e sua refundação simbólica se apresentavam, então, como os objetivos principais do novo regime, como elementos indispensáveis para sua constituição e consolidação (Ramón Joffré, 1999).

Contudo, é somente na década de 1840, com a bonança e a estabilidade econômica trazidas pela era do guano, que as elites limeñas puderam pôr em marcha os ansiados projetos de modernização da capital. A reforma dos espaços públicos – praças, *paseos* e alamedas -, a construção de monumentos em homenagem aos novos heróis republicanos, a mudança na nomenclatura das ruas, e a reconstrução de marcos urbanos como o Palácio de Governo representaram os esforços de transformação da cidade e a criação de uma *narrativa espacial* para a história e para o futuro da nação (Callirgos, 2007). Ao beneficiar-se desta expansão econômica – chegando a consumir, no final da década de 1850, 88% do orçamento total do país (Callirgos, 2007) -, Lima reafirma seu papel histórico de centro político e administrativo e como lugar de residência e consumo das elites do país (Panfichi, 2004).

Por sua vez, a reforma na cidade deveria incluir uma “reforma” profunda nos seus habitantes – os pobres em geral, e particularmente os índios, negros e mestiços -, cuja cultura e estilo de vida eram afrontante denúncia dos vícios coloniais enraizados no coração da capital *moderna* do Peru. Desde os tempos coloniais, Lima é retratada como uma sociedade heterogênea, e caracterizada pela proximidade residencial e cotidiana de *castas* social e etnicamente diferenciadas (Panfichi, 2004).

De um lado, vê-se desenvolver uma forma de identidade cultural comum entre os pobres urbanos, o “criollo popular”, associada à predominância dos mestiços na estrutura social e “*que reclaman, por primera vez desde el pueblo, ser la expresión de lo “auténticamente” peruano*”, mesclando valores provenientes tanto da plebe colonial como da nova cultura popular emergente (Panfichi, 2004: 37). Por outro lado, por parte das elites, a incorporação do “racismo científico” como ideologia implícita do Estado e como base de sua legitimidade, permitiu à elite crioula consolidar o sentimento de superioridade ameaçado pelas idéias liberais e democráticas (Portocarrero, 2004b).

estas doctrinas [racistas] eran prestigiosas, contaban con el aval de grandes autoridades europeas, permitían, además, “explicar” el atraso peruano en términos de una incapacidad de los indígenas para la vida civilizada. (...) la idea de una desigualdad intrínseca fue siempre parte de su sentido común (Portocarrero, 2004b: 251)

Discurso e ideário que atingirão seu ápice nas últimas décadas do século XIX, após a Guerra do Pacífico (1879-1883). A derrota na guerra e a ocupação de Lima pelas forças chilenas provocaram a humilhação nacional frente aos invasores, expondo a fragilidade territorial e política da fragmentada república peruana. Legitimada pelas doutrinas racistas, a população indígena foi, então, diretamente responsabilizada pela humilhante derrota, cuja causa deveria ser encontrada na degeneração e na indolência da raça indígena, no seu descompromisso com a *pátria* e sua incapacidade para a civilização, que não só impediam a modernização e o desenvolvimento do país como o fragilizavam colocando-o “de joelhos” frente a seus inimigos (Callirgos, 2007; Portocarrero, 2004b).<sup>2</sup> A constatação, por parte da elite limeña, de “*un país condenado por la biología*” (Portocarrero, 2004b: 227) era, por outro lado, também a consagração científica do seu papel histórico de conduzir a nação, desde Lima e frente ao imperativo de reconstruir-se, à modernidade e à civilização.

A última década do século XIX e o início do século XX serão décadas de radical transformação do espaço urbano limeño, que deveria instaurar um novo re-começo moderno para o Peru. Desde a perspectiva oficial, a intensa remodelação do espaço urbano e crescente

---

<sup>2</sup> Imaginário que persiste no discurso político, como evidenciou a recente declaração do presidente Alan García sobre a escalada de violência na região da Amazônia peruana: “*¿Qué es lo que se quiere, que Perú se quede de rodillas, se vea frustrado en su camino al desarrollo?*” O conflito é motivado pela resistência das comunidades indígenas à promulgação da “*Ley de la Selva*” que, entre outras resoluções, modifica o estatuto da terra destas comunidades com o objetivo de incentivar a exploração petrolífera na região. Fonte: *Andina – Agencia Peruana de Noticias*, 05 de junho 2009. Versão eletrônica (acesso 09 de junho de 2009): <http://www.andina.com.pe/Espanol/Noticia.aspx?id=Jq8gmFDa090%3D>

intervenção no espaço privado, especialmente dos pobres, eram justificadas por seu objetivo de *educar* a plebe urbana nos valores da higiene, da disciplina e da civilidade, e “*serviriam como laboratório para a missão futura de incluir os **pueblos** ao tempo moderno da nação*” (Callirgos, 2007: 74).

## O INTENSO SÉCULO XX: Ou sobre como chegamos ao presente

As primeiras décadas do século XX foram, então, marcadas pelos esforços de reconstrução nacional após o trauma da Guerra do Pacífico, num contexto de incipiente industrialização e modernização. Período também de reorganização das relações e dos sentidos da complexidade étnico-racial do país que agora apostava na incorporação homogeneizadora dos grupos subalternos e na formação do proletariado urbano como única possibilidade de integração de uma nação fraturada e racialmente *impossível* (Callirgos 2007). Lima - como local privilegiado e monopolizador destes processos -, seguia, portanto, como o lugar por excelência de construção na nação e da identidade peruanas.

Estes processos – industrialização, modernização e urbanização - culminarão, a partir da década de 1940, na intensa onda de migrações internas, sobretudo da serra rural em direção às cidades da costa – Lima, em particular. Muitas vezes através de imagens de força bélica, como *invasão* e *conquista*,<sup>3</sup> o fenômeno migratório é reiteradamente entendido como um divisor de águas na história da cidade e do país. Num período de quatro décadas, o Peru converteu-se em um país predominantemente urbano e Lima passou a albergar um terço da população peruana, proveniente de todas as regiões do país.

Não sem conflitos e resistências, que lamentavam a invasão campesina na capital e identificavam nestas populações as causas de todos os males urbanos, o processo migratório tendeu a ser compreendido como processo fundante de uma *outra modernidade* peruana (Franco 1991), de *democratização* social da metrópole limeña e do surgimento de uma nova e “autêntica” *identidade nacional popular* (Degregori; Blondet; Lynch, 1986). Impondo sua presença, a massa migrante *nacionalizava* a capital peruana, apropriava-se subjetivamente da nação e a reconstruía democraticamente. Ao “conquistar” a cidade hostil, além de historicamente alheia ao “Peru real”, os migrantes forjaram uma *nova* Lima, em cujo seio emergiria uma nova peruanidade.

Assim, a centralidade e hegemonia de Lima no contexto nacional se atualizam com um sentido completamente distinto. O centralismo de Lima passa a se justificar não mais por ser o

---

<sup>3</sup> Como evidenciam, por exemplo, os títulos de duas obras já clássicas dedicadas ao estudo deste processo: DEGREGORI, Carlos Iván; BLONDET, Cecilia; LYNCH, Nicolás. *Conquistadores de un nuevo mundo. De invasores a ciudadanos en San Martín de Porres*. Lima: IEP, 1986; e GOLTE, Jürgen; ADAMS, Norma. *Los caballos de Troya de los invasores. Estrategias campesinas en la conquista de la gran Lima*. Lima: IEP, 1987.

centro definidor e irradiador do projeto criollo, mas por conter em si – e, logo, ser representativa de – toda a diversidade do país. O histórico e reiterado centralismo de Lima encontra, então, sua justificação democrática e Lima, mais *peruana* que nunca, se atualiza como metáfora e síntese simbólica e imagética do Peru e de sua identidade nacional.

Contudo, apesar do otimismo frente à conquista popular da senhorial Lima, evidencia-se a natureza essencialmente conflitiva da “acomodação” destes migrantes na cidade. As elites limeñas rechaçavam a presença migrante e tratavam de isolar-se, condenando aquela invasão que, “*como una gigantesca mancha de aceite*” (Mosquera Mosquillaza, 1999), expandia suas *barriadas* pelos areais e cerros nas periferias da cidade. A explosiva e desordenada urbanização e a crescente marginalização da população migrante tornaram visíveis e patentes as profundas desigualdades econômicas, sociais, culturais e raciais presentes na sociedade peruana, aprofundando os processos de segmentação e segregação sócio-espacial, a violência e a discriminação, sensíveis na precariedade de condições de vida dos novos pobres urbanos.

la persistente marginación colocaba todavía a miles de migrantes en un mundo paralelo dentro de un mismo espacio compartido – Lima. (...) Al hecho de que este mundo creciera paralelo y subterráneo contribuyó, sin duda, la rápida percepción de la ciudad (...) como un espacio muy hostil (Balbi, 1997: 14)

No início dos anos 1980, um contexto de extrema instabilidade política e crise econômica dão lugar a um grave conflito interno no Peru. Os violentos embates entre Sendero Luminoso e as Forças Armadas, sobretudo nas áreas rurais mais pobres do país, provocou a fuga de milhares de pessoas e às vezes comunidades inteiras em direção às cidades da costa e à Lima em particular. Com renovada intensidade e violência sem precedentes, o processo migratório, “*convertido en un huaico de miedo y terror, continuó*” (Matos Mar, 2004: 120).

As causas e as conseqüências das duas décadas de conflito interno Peru (1980-2000) são extremamente complexas e graves, mas foge ao escopo deste trabalho apresentá-las mais detidamente. Apontaremos brevemente os fatores históricos e conjunturais que, segundo o relatório final da *Comisión de la Verdad y de la Reconciliación* (2004), permitiram a explosão do conflito: por um lado, uma conjuntura marcada por severa crise econômica, pela debilidade dos partidos políticos e por vazios de poder (estatal) em amplas áreas do território peruano; de outro lado, as históricas e profundas desigualdades de riqueza e de poder político e simbólico (i) *entre Lima e as provincias* - fruto do fortalecimento do centralismo limeño nas décadas prévias ao conflito,

agudizando a distância entre a capital e o resto do país, (ii) *entre a costa, a serra e a selva* – a gravitação econômica, demográfica e simbólica de Lima, acentuada no século XX, a crise da sociedade andina tradicional, e a Amazônia isolada como zona de fronteira, (iii) *entre criollos, mestizos, cholos e índios*, isto é, as fraturas e discriminações étnico-raciais profundamente arraigadas na sociedade peruana (CVR, 2004).

Ou seja, em grande medida, o excessivo centralismo limeño, em todas suas dimensões, pode ser considerado o fator historicamente responsável pela guerra subversiva e a violência política. Como alguns autores argumentam, teria sido também ele o principal responsável pela dimensão a que atingiu o conflito: enquanto esteve concentrado nas distantes áreas rurais, o movimento insurgente teria sido negligenciado pela elite política do país (Burt, 2009). Soma-se a isso, como causa e consequência deste “descaso”, a determinante presença da desigualdade étnica e racial durante as duas décadas de conflito, no qual se estima que 75% das quase 70 mil vítimas fatais tinham o quéchua ou outras línguas nativas como idioma materno e 85% eram pertencentes aos quatro departamentos mais pobres do Peru (CVR, 2004).

esta reflexión atañe no solo a los que participaron directamente en el conflicto, sino a todos aquellos cuya indiferencia permitió que esto pudiera suceder durante tanto tiempo, como si no *nos* concerniera (...), como si otros no existieran, lo cual engarza con el deseo de que no existan (Bruce, 2007: 13-14 – grifo do autor).

No fim da década de oitenta e início dos anos noventa, quando Sendero Luminoso intensifica seus ataques em Lima e fortalece sua presença na capital, sobretudo em suas áreas marginais, a insurgência deixa de ser percebida pelas elites como um problema distante, que afetava apenas o “Peru real”, convertendo-se em ameaça real ao Estado peruano, à estrutura de autoridade dominante e às relações de produção (Burt, 2009). No início da década de 1990, Alberto Fujimori é eleito presidente, num contexto de aguda crise inflacionária, paralisia estatal e da crescente ameaça subversiva. Em 5 de abril de 1992, Fujimori declara o autogolpe de Estado, instituindo uma ditadura que durará quase uma década.<sup>4</sup> Poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, as Forças Armadas capturam o líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, desarticulando o

---

<sup>4</sup> Devida a forte pressão internacional (que incluía o bloqueio de empréstimos financeiros ao país), em 1995 Fujimori reinstalou o processo democrático, reabriu o Congresso e convocou novas eleições. Legitimado pela relativa estabilidade econômica e, sobretudo, pela derrota da insurgência subversiva, foi reeleito. Contudo, analistas ressaltam o caráter de “fachada” deste processo e a continuidade do projeto político autoritário, até a queda do regime com a renúncia e a fuga de Fujimori do país, nos anos 2000 (Burt, 2009).



movimento revolucionário e pondo fim ao conflito. A derrota do *terrorismo* foi utilizada por Fujimori para legitimar seu regime autoritário, contando, com a exceção dos seus últimos anos no poder, com a aprovação majoritária da população. Aprovação que, na verdade, contém boa dose de *silêncio*, dada a instrumentalização do medo operada pelo regime fujimorista (Burt, 2009) - seja com a ameaça de retorno da guerra subversiva, ou a ameaça de receber o mesmo tratamento destinado aos terroristas – a tortura, a prisão, o desaparecimento e a morte.

A estabilização da economia, ainda que pela via dolorosa do choque neoliberal e do encolhimento do Estado – aumentando os índices de pobreza e desigualdade, desarticulando ou desativando os serviços públicos -, a política populista, a militarização da vida social (e a preponderância das Forças Armadas que, inclusive, ainda detinham o controle territorial de grandes porções do país) e a criminalização da oposição (i.e., *terrorismo de Estado*), formaram a base de sustentação do regime fujimorista até o fim dos anos 1990 (Burt, 2009).

As últimas décadas do século XX no Peru foram profundamente violentas e traumáticas, com muitas de suas conseqüências ainda por ser dimensionadas. É factível compreender, entre as razões do conflito interno, “*un momento en que (...) se puso en cuestión el sentido de pertenencia y participación dentro de la comunidad*” nacional (Vich, 2002: 9). Talvez seja, em verdade, a evidência de sua fragilidade e de seu curtíssimo alcance numa sociedade tão centralizada e segmentada, marcada tão duramente pelo racismo e pela discriminação social, étnico-racial e cultural.

en los últimos años, es como si estos fragmentos se alejaran unos de otros, como si el proyecto de construcción nacional perdiera actualidad, aun cuando nunca haya llegado a cristalizarse. Algo así como la ruina de algo nunca terminado. De ahí la sensación de caos y desesperanza sobre nuestro futuro como colectividad (Portocarrero, 2004a: 278).

## **OS DESAFIOS DO PRESENTE**

A sociedade peruana entra no século XXI com o desafio de reconciliar-se e reconstruir-se como nação, após as fraturas deixadas por duas décadas de violência política. Lima, depois de meio século de intensas migrações, um brutal conflito interno e um regime autoritário, passa a representar a síntese dos problemas econômicos, políticos e sociais que afligem o Peru e que, como um “verdadeiro monstro” se concentram na capital:

la ciudad de Lima llega al año 2000 convertida en un verdadero monstruo urbano, con todos los males y padecimientos de una urbe que surgió y se desarrolló de espaldas al país, pero que, paradójicamente, hoy *resume en su existencia todos los problemas económicos y sociales del Perú realmente existente* (Mosquera Mosquillaza, 1999: 207 – grifo meu)

É interessante ressaltar, como na passagem acima, que se permanece o imaginário tantas vezes forjado de Lima como síntese do Peru (síntese do futuro moderno da nação, da diversidade da nação e/ou dos desafios da nação), segue presente igualmente a cisão entre a capital e o “Peru realmente existente”.<sup>5</sup> Abismo que se ancora nas históricas desigualdades da sociedade peruana e que, como vimos, sempre tiveram um determinante componente étnico-racial.

Plasmado na história peruana, o racismo (e sua contra-face, o trauma racial) está profundamente alojado na subjetividade e no vínculo social dos peruanos como desigualdade e injustiça, e “*encasilla a los diversos grupos que conforman la sociedad peruana en un círculo vicioso marcado por la frustración, el agravio y la violencia*” (Bruce, 2007: 31). No cotidiano, a diferença se instala nos jogos de linguagem, em definições do outro que travam os vínculos pessoais (Grompone, 1999), e que não só evidenciam como alimentam a tensão, a instabilidade e o mal-estar na cultura peruana (Bruce, 2007).

O desafio peruano neste início de século continua sendo, portanto, o de lidar com sua própria complexidade e heterogeneidade constitutivas. Neste contexto de suturas e reconstrução (de si próprios, e de si como nação), retoma-se o imaginário – socavado durante os anos de conflito - de Lima como síntese desta diversidade: o “novo rosto” do Peru é a “nova” Lima *de todas las sangres*. Neste sentido, é reveladora a manchete do maior jornal do país, anunciando a celebração do 474º aniversário de fundação da cidade:

*Se impone la capital de todas las sangres. Una colorida celebración de la diversidad (...) reflejó el palpitar de una ciudad pluricultural y mestiza* <sup>6</sup>

Surge também um novo grupo, os *novos limeños*, como promessa de um horizonte de integração e compartilhamento. Os novos limeños são a terceira, quarta geração de descendentes

---

<sup>5</sup> O excessivo centralismo limeño e essa cisão entre o “Peru oficial” e o “Peru profundo” são considerados “nefastas heranças coloniais” que nunca cessam de atualizar-se. A colonial divisão entre a “república dos espanhóis” e a “república dos índios”, haveria então dado lugar a uma república dividida (Thurner, 1997), entre criollos e índios, entre a costa, a serra e a selva, entre Lima e o resto do país.

<sup>6</sup> *El Comercio*, 19 de janeiro de 2009. Versão eletrônica (acesso em 08 de abril de 2009): <http://www.elcomercio.com.pe/edicionimpresa/pdf/2009/01/19/ECPR190109a1.pdf>

de migrantes, que já se sentem parte da cidade e que, ao redefinir e refuncionalizar elementos da cultura andina ao contexto urbano e à cultura de massas (Balbi, 1997) são responsáveis pela emergência de um fenômeno novo, a *cultura chicha*. Ao “invadir” a esfera do consumo e da comunicação de massas, a cultura chicha passa a ser um elemento compartilhado, sobretudo pela geração jovem, mas que, se por um lado é vivida como afirmação e como reconhecimento, por outro se limita ao gozo (hierárquico) de uma excentricidade autóctone. De todo modo, a perspectiva geracional e a cultura urbana de massa (consumo e comunicações) são tidas como elementos produtores de interseções, de uma nova cultura urbana “autêntica” e compartilhada e que, sendo entendida como homogeneização de certos traços culturais e comportamentais (Arellano Cueva; Burgos Abugattas, 2004), carrega em si a promessa de um futuro de reconhecimento possível a uma nação fraturada por suas diferenças.

Lima persiste, portanto, no centro do imaginário nacional peruano, carregando as marcas de sua história e a riqueza cultural da sua sociedade, mas, sobretudo, a sua promessa de futuro como nação democrática e *moderna*. No contexto pós-violência política, *la ciudad de todas las sangres* se reafirma simbolicamente como elemento re-integrador de uma nação étnica, social e politicamente fragmentada. Contudo, ao reafirmá-la como síntese da nação em toda sua diversidade – e logo, síntese *legítima* –, se justifica simbólica e discursivamente a manutenção do excessivo centralismo limeño e a timidez dos recentes esforços de descentralização no país. Centralismo historicamente responsável pelo aprofundamento das desigualdades e da fragmentação do país e que alimenta conflitos internos, sobretudo em função da imposição vertical e violenta do *progreso* concebido na ensimesmada Lima às comunidades rurais e indígenas que compõem o caleidoscópio étnico e cultural da nação peruana.

## Bibliografía

- ARELLANO CUEVA, Rolando; BURGOS ABUGATTAS, David. *Ciudad de los Reyes, de los Chávez, de los Quispe...* Lima: EPENSA, 2004.
- BALBI, Carmen Rosa. ¿Una ciudadanía descoyuntada o redefinida por la crisis? De 'Lima la horrible' a la identidad chola. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Lima: aspiraciones, reconocimiento y ciudadanía en los noventa*. Lima: PUCP, 1997, pp. 11-27.
- BRUCE, Jorge. *Nos habíamos choleado tanto*. Psicoanálisis y racismo. Lima: Fondo Editorial Universidad San Martín de Porres, 2007.
- BURT, Jo-Marie. *Violencia y autoritarismo en el Perú: bajo la sombra de Sendero y la dictadura de Fujimori*. Lima: IEP; SER, 2009.
- CALLIRGOS, Juan Carlos. *Reinventing the City of the Kings: postcolonial modernizations of Lima, 1845-1930*. Tese de doutoramento em Filosofia pela Universidade da Florida, maio 2007.
- CVR. *Hatun Willakuy*. Versión abreviada del Informe Final de la Comisión de la Verdad y Reconciliación. Lima: Navarrete, 2004.
- DEGREGORI, Carlos Iván; BLONDET, Cecilia; LYNCH, Nicolás. *Conquistadores de un nuevo mundo*. De invasores a ciudadanos en San Martín de Porres. Lima: IEP, 1986.
- FRANCO, Carlos. *Imágenes de la sociedad peruana: La otra modernidad*. Lima: CEDEP, 1991.
- GROMPONE, Romeo. *Las nuevas reglas de juego: transformaciones sociales, culturales y políticas en Lima*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos (IEP), 1999.
- MATOS MAR, José. *Desborde popular y crisis del Estado*. Veinte años después. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2004.
- MOSQUERA MOSQUILLAZA, Alberto. Lima: un monstruo con nombre de mujer. In: *Revista de la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos*, n.13, Lima, Set. 1999, pp. 207-219.
- PANFICHI H., Aldo. Urbanización temprana de Lima, 1535-1900. In: PANFICHI H., Aldo; PORTOCARRERO S., Felipe (Eds.). *Mundos interiores: Lima 1850-1950*. Lima: Centro de Investigación de la Universidad del Pacífico, 2004, pp.15-42.
- PORTOCARRERO, Gonzalo. *Rostros criollos del mal*. Cultura y transgresión en la sociedad peruana. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004(a).
- \_\_\_\_\_. El fundamento invisible: función y lugar de las ideas racistas en la República Aristocrática. In: PANFICHI H., Aldo; PORTOCARRERO S., Felipe (Eds.). *Mundos interiores: Lima 1850-1950*. Lima: Centro de Investigación de la Universidad del Pacífico, 2004(b), pp. 219-259.

- RAMÓN JOFFRÉ, Gabriel. *La muralla y los callejones: intervención urbana y proyecto político en Lima durante la segunda mitad del siglo XIX*. Lima: Sidea; Promperu, 1999.
- THURNER, Mark. *From two republics to one divided: contradictions of postcolonial nationmaking in Andean Peru*. Durham and London: Duke University Press, 1997.
- VICH, Victor. *El canibal es el Otro: violencia y cultura en el Perú contemporáneo*. Lima: IEP, 2002.